

Senadora Kátia Abreu

## Brasil tem potencial para três Mississippis

da Redação

ANTES MESMO de sua posse no Senado, logo após sua eleição, Kátia Abreu escolheu como prioridade de seu mandato a melhoria das condições de infraestrutura e de logística no Brasil Central. “Nós temos hoje uma nova agricultura no país, que inclui regiões altamente produtivas como o sul do Maranhão, Tocantins, oeste da Bahia e parte de Rondônia. Mas essa nova geografia agrícola do País não foi acompanhada pela logística”, diz a senadora.

Para Kátia Abreu, o País deve investir principalmente em hidrovias, que consomem dez vezes menos que uma rodovia. “O que vem impedindo a implantação de mais hidrovias no País é a construção de hidrelétricas. Não sou contra hidrelétricas, desde que também se façam simultaneamente as eclusas. Caso contrário, você mata a navegabilidade dos rios”.

Nascida em Goiânia, Kátia é formada em psicologia pela Universidade Católica de Goiás. Mãe de três filhos, virou fazendeira aos 25 anos de idade, após a morte do marido. Foi presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Tocantins de 1995 a 2005. Desde 2006, ocupa uma vice-presidência da CNA (Confederação Nacional da Agricultura). Depois de ter sido eleita por duas vezes para a Câmara dos Deputados, em outubro de 2006 ela se tornou a primeira senadora do Tocantins pelo Democratas (DEM).

Como uma das lideranças da bancada ruralista no Congresso Nacional, Kátia Abreu defende investimentos públicos em



“ Para transportar uma tonelada de alimento por 1.000 km numa rodovia, você gasta US\$ 42. Se usar uma hidrovia o gasto é de apenas US\$ 18”

infra-estrutura para viabilizar a produção rural das novas fronteiras. Em entrevista à *Agroanalysis*, a senadora destacou os problemas logísticos do Centro-Oeste e apontou caminhos para a sua superação.

**AGROANALYSIS** Um dos principais entraves da agricultura brasileira, principalmen-

te no Centro-Oeste, é a falta de infraestrutura para o escoamento da safra. Como a senhora avalia o problema?

**KÁTIA ABREU** Logo depois da minha vitória nas eleições, eu já havia decidido dedicar o meu mandato à questão da logística. Nós temos uma nova agricultura no País hoje. O Centro-Oeste atualmen-

te inclui, além das áreas tradicionais, o Tocantins, o sul do Maranhão, o oeste da Bahia e parte de Rondônia. Todas essas regiões têm enorme potencial para a produção agrícola. Mas a nova geografia agropecuária não foi acompanhada pela logística. Não se construiu ferrovias, não se investiu em hidrovias e nem em rodovias. A falta de infra-estrutura está ameaçando o novo Centro-Oeste agrícola, essa nova fronteira que se formou. Veja o caso de Mato Grosso, onde a situação é a mais gritante. Lá a diferença de preços é enorme em relação a outros estados, o que rouba toda a competitividade dos agricultores. Embora eles tenham maior produtividade por conta do solo, do clima e da tecnologia, estão inferiorizados por causa da falta de logística.

**AGROANALYSIS** Qual é a solução para “encurtar” a distância entre os estados do Centro-Oeste e os grandes centros consumidores ou portos? Qual é a sua proposta?

**KÁTIA ABREU** Investir em hidrovias. Para transportar uma tonelada de alimento por 1.000 km numa rodovia, você gasta US\$ 42. Se for usar uma hidrovia para transportar a mesma quantidade de alimentos pela mesma distância o gasto é de apenas US\$ 18. O investimento para construir 1.000 km de rodovia é no mínimo 10 vezes maior que se gasta com uma hidrovia.

**AGROANALYSIS** Por que o Brasil não investe mais em hidrovias?

**KÁTIA ABREU** O que impede a implantação de nossas hidrovias é a construção de hidrelétricas. Não sou contra construir hidrelétricas, desde que também se construam eclusas. Se você construir a eclusa junto com a hidrelétrica, você economiza um bom dinheiro. Vou dar o exemplo do meu estado, o Tocantins, da Usina Luiz Eduardo Magalhães, construída durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. Se tivessem construído a eclusa junto com a hidrelétrica, a obra teria custado R\$

340 milhões. Hoje custa R\$ 630 milhões para construir a eclusa posteriormente, 50% a mais que teria custado se tivesse sido construída simultaneamente. A eclusa é uma espécie de elevador de água. Por meio dela, passam os navios que precisam transpor a barragem da usina hidrelétrica para seguirem a viagem.

“O problema não é o lançamento da Hidrelétrica de Estreito, mas a falta da eclusa. Isso mata a navegabilidade do Rio Tocantins”

**AGROANALYSIS** Sem eclusa, não há hidrovia.

**KÁTIA ABREU** É isso mesmo. Sem eclusa não há possibilidade de navegação. O problema não é o lançamento da hidrelétrica, mas a falta da eclusa. Quando ela não é construída simultaneamente à hidrelétrica, acaba matando definitivamente a navegabilidade do rio. Isso desobedece a um princípio legal. As águas têm que ter múltiplo uso. Eu não posso usar água para o fornecimento de energia e tirar o direito do cidadão de usar o rio como seu meio de transporte. Eu entrei com uma ação na Justiça porque está sendo construída agora, no Tocantins, a

Hidrelétrica de Estreito. Sem eclusa. Eu pedi o embargo da obra, mas ainda não houve a decisão da Justiça.

**AGROANALYSIS** É mais uma hidrelétrica que se faz no Rio Tocantins?

**KÁTIA ABREU** Essa hidrelétrica no Rio Tocantins será construída no município de Estreito, Maranhão, bem na divisa com o Tocantins. Será formado um reservatório de 555 quilômetros quadrados. Tudo bem! O País precisa de energia. O problema não é o lançamento da hidrelétrica, mas a falta da eclusa que, de novo, não será construída simultaneamente à hidrelétrica. Isso mata a navegabilidade do Tocantins. A Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, sem a eclusa, está ajudando a matar o nosso rio. E isso agora vai se agravar com a Hidrelétrica de Estreito.

**AGROANALYSIS** Se pudessem contar com a hidrovia, qual seria a economia para os produtores rurais da região?

**KÁTIA ABREU** Eu calculo que os produtores rurais das regiões Norte e Centro-Oeste devam perder cerca de R\$ 2,7 bilhões por ano pela falta de infra-estrutura de transporte. Se pudessem utilizar o transporte hidroviário, o custo de escoamento da safra seria 40% inferior ao de hoje, baseado no transporte rodoviário. Mais hidrovias poderiam ser viabilizadas na Região Centro-Oeste, como as de Teles Pires e Tapajós, na divisa entre Mato Grosso, Pará e Amazonas. Elas poderiam dar vazão a quase toda a produção do centro-norte de Mato Grosso, uma região de alto potencial. Essa produção está indo para Paranaguá. Nós já temos a hidrovia do Rio Madeira, que praticamente nasceu pronta e não precisa de nenhuma estrutura. Nos casos de Teles Pires e Tapajós, se não for construída uma hidrelétrica, não será possível implantar as hidrovias, porque os rios têm muita corredeira. A hidrelétrica forma lagos, o que permite a navegação. Construir uma hidrovia sai bem mais em conta que investir em ferrovia. No Rio



“Nós temos que fazer um braço na Ferrovia Norte-Sul em direção a Mato Grosso, e outro para o oeste da Bahia”

Madeira, que já é navegável, há duas hidrelétricas planejadas. Lá poderiam ser feitas quatro hidrovias: três fora do Brasil, entre Bolívia e Peru, e uma dentro do País, que passaria por Mato Grosso, até o Paraná. Isso possibilitaria a integração da América Latina. Essas hidrovias proporcionariam uma transformação fundamental para o sistema logístico da região. Nos casos das hidrelétricas Teles Pires e Tapajós, a construção da hidrovia permitiria o escoamento de grande parte da produção desta área mais central entre Mato Grosso e Tocantins. Nesta área, o Brasil tem grandes possibilidades. O país tem potencial de três Mississippis.

**AGROANALYSIS** Alguns destes projetos não estão inclusos no PAC?

**KÁTIA ABREU** A eclusa prevista para Tucuruí, incluída no PAC, será construída por causa do minério, para transporte de ferro-gusa. Ela não contempla a agricultura.

**AGROANALYSIS** E a Ferrovia Norte-Sul?

**KÁTIA ABREU** Ela vem do Maranhão, entra no Tocantins na cidade de Aguiarnópolis, atravessa o rio até Araguaína, e tem recursos aprovados para chegar a Palmas. Ela vai sair no Porto de Itaquí. Mas o que seria mais interessante para a região? Nós tínhamos de fazer um braço da ferrovia na altura de Guaraí (TO) em direção a Mato Grosso. E outro braço a partir de Gurupi (TO) para alcançar o oeste da Bahia e atender às cidades de Luiz Eduardo Magalhães e Barreiras. Aí a ferrovia conseguiria atender a um grande pólo agrícola. É isso que nós precisamos. A Ferrovia Norte-Sul é muito importante, mas não é suficiente. Isso não é só uma crítica da oposição.

**AGROANALYSIS** A idéia de ampliar a ferrovia já foi proposta ao governo?

**KÁTIA ABREU** Sim, a idéia já foi proposta. Os próprios produtores estão se mobilizando nos seus governos. O governo de Mato Grosso e da Bahia já estiveram co-

nosco aqui no Senado, junto com o governador do Tocantins.

**AGROANALYSIS** Qual é o perfil da agricultura do Tocantins hoje?

**KÁTIA ABREU** Nós produzimos principalmente soja, arroz e milho. Mas já estamos implantando no estado três novas usinas de açúcar e álcool. Nos próximos três anos, vai crescer muito a produção de açúcar e álcool, com a cana ocupando parte do espaço hoje destinado à soja e à pecuária.

**AGROANALYSIS** A senhora acredita que vai ocorrer no Tocantins uma invasão da cana-de-açúcar?

**KÁTIA ABREU** Acredito. Lógico que a cana-de-açúcar não serve para todo o estado. Há algumas regiões, que têm um período longo de estiagem, onde o plantio da cana não é recomendado. O avanço da cana ainda não é tão forte em Tocantins. O grande obstáculo é a logística. Eu acredito que não haverá uma rápida substituição da soja pela cana, principalmente agora com os bons preços internacionais. A cana pode entrar, sim, nas áreas de pastagens degradadas. Além da agricultura, a pecuária também está bastante desenvolvida no estado. Nós temos um rebanho de 8 milhões de cabeças e desde 2001 não se registra nenhum foco de aftosa em Tocantins.

**AGROANALYSIS** Há um plano de sanidade animal bem feito?

**KÁTIA ABREU** Há sobretudo vontade política da sociedade. Nós conseguimos mobilizar não apenas a iniciativa privada, como o governo. Virou uma espécie de mania o combate à aftosa em Tocantins.

**AGROANALYSIS** Quais são as perspectivas da nova safra de grãos? O produtor ficou contente com as medidas anunciadas pelo Ministério da Agricultura?

**KÁTIA ABREU** A redução dos juros não foi aquela que esperávamos. Os juros poderiam ser mais baixos. O endividamento ainda é muito alto na região. ■